

A Propaganda

Fundada por D. Rosa d'Ouro Emilia Correia Landolt.

Director e Proprietario Candido Augusto Landolt

A divisa d'este jornal será sempre—LIBERDADE e JUSTIÇA, INSTRUCCÃO e PROGRESSO

N.º 18

PUBLICAÇÕES
Anuncios, cada linha..... 40 reis
Anuncios por anno, preço convencional.
Redacção, administração, composição, e impressão, rua da Junqueira 50.
Administrador,—*João Agostinho Landolt.*

POVOA DE VARZIM

Terça-feira, 10 de Maio de 1909

ASSIGNATURAS

Anno..... 18200 reis
Semestre..... 700
Pelo correio, anno, Reino e Africa 18500
Brazil, anno, moeda forte..... 28500
Numero avulso..... 40

7.º ANNO

ROCHA PEIXOTO

Pequeno e tão pequenino como é este lindo rincão da beiramar, tem no azul do seu firmamento estrelas de tão incomensurável grandeza, mundos tão descompassados de luz, que até parece incrível como a Natureza quiz que n'este berço d'outra pelas ondas embalado nascessem tantas e tão assignaladas sumidades na litteratura, no amor da humanidade e nas sciencias que, afinal, se acham de lucto, como coberto de crépes está o coração dos povoenses que amam a sua terra natal com verdadeiro amor patrio, com intranhado affecto e devotado carinho, como, egualmente, adoram as suas glorias e os seus benemeritos, não somente quando elles vão assignalando dadas com os seus feitos brilhantes, mas tambem quando resvalam na sepultura, onde vão dormir o sono de sempre.

E' que á lista de tantos vultos eminentes que se chamaram Sacra Familia, Cégo do Malo, Gomes de Amorim e Eça de Queiroz, tem de acrescentar-se o nome de um sabio que encheu de orgulho a nossa terra e de gloria o seu paiz, o nome d'um grande naturalista e eximio professor que abrilhantou os fastos da Imprensa, o nome d'um dos filhos mais illustres e dilectos da Póvoa de Varzim, o nome d'uma individualidade sympathica e querida que se chamou—ROCHA PEIXOTO.

Bem novo, ainda, pois fazia 43 annos de idade para 18 do corrente, alcançou facilmente, e á custa da sua preserverança, os logares mais invejáveis que um homem de rara envergadura pôde obter á custa de mil obstaculos e poderosas influencias politicas.

E tanta era a sua tenacidade pelo estudo, o tanto era o zelo no desempenho dos seus elevados cargos, e tanta era a confiança que as escações officiaes ligavam aos seus esforços profissionais, que todos os seus planos eram acatados, todos os seus projectos approvados, todo o seu trabalho coberto de honrarias e louvores.

N'uma ancia de engrandecer o solo portuguez, n'um desejo ardente de arrancar a verdade da noite dos tempos, n'um fanatismo arreigado por deixar um monumento de litteratura onde ficassem os uzos, os costumes, a religião e a superstição popular portugueza, encarou de frente com todos os obstaculos e quando lhe não era possível, por accumulacão de serviços, tratar de todos os assumptos, solicitava d'as pessoas em quem elle reconhecia competencia a desenvoltura de memorias que se acham impressas e registadas em todos os estabelecimentos scientificos do paiz e do estrangeiro.

ficientemente escrevesse n'esse genero. Além de muitas e importantissimas publicações, deixa a PORTUGALIA, que é o mais valioso repostorio da tradiçáo nacional, a parte mais importante da sua obra de mestre abalisado, auctorisado e laureado.

Muitos e valiosissimos trabalhos deixou em esboço, entre os quaes um, em que trabalhava ha 18 annos, consequentemente.

A Póvoa de Varzim absorvia-lhe todas as attentões e pena é que morresse sem deixar classificado e catalogado e deviam e n'te disposto em estantes e peccias no Museu Municipal do Porto os rarissimos objectos encontrados na Cividade de Terroso, bem como os que se encontraram nos restos d'uma povoação romana ao fim da rua dos Banhos, no sitio denominado o Alto de Martim Vaz.

Tambem devido á sua iniciativa sahiram desenvolvidas memorias d'O Povoero, acerca da Baylla da Póvoa Nova de Varzim, do Theouro de Laundos, da Igreja de Rates e do Theouro da Estella, livros estes que pela excellencia do seu texto e pelas penas auctorisadas que os firmaram, marcaram os primordios da luz na noite dos tempos a que remonta á antiguidade d'esta villa, que todos ignoravam em absoluto.

A pedidos instantes e continuos, feitos por occasião de férias e de ha 6 annos á esta parte, ao director da Propaganda, devia este apresentar a Rocha Peixoto os originaes do Folk-Lore Varzino que devia sahir á luz da publicidade. no mesmo formato e typo das outras memorias da Póvoa, afinal de, a par da archeologia, da historia e da anthropologia do povoero, ficar archivada a linguagem, os uzos e os costumes populares.

Não teve o illustre sabio povoense, fidima gloria nacional, o prazer de ver realisa da sua tarefa, mas descance a sandosa e talentosissima individualidade que, tal qual as in-

strucções que repetidamente nos fez, será o Folk-Lore Varzino dado á estampa, embora os verdadeiros patriotas findassem com Rocha Peixoto, e, á custa de nosso sacrificio, a historia da Póvoa tenha de ficar o mais completa possível.

Na restauração por que estão passando os Paços do Concelho d'esta sua terra natal, punha o sabio Rocha Peixoto a sua especial attenção, interessando-se bem junto dos chefes politicos da localidade para que, de commum accordo, se desse ao grandioso edificio uma fórma deco-

e o seu melhor auxillar n'essa faina incessante de dar a esta villa o seu logar de destaque a que tem juz;—e emquanto ao obelisco daPraça do Almada e seu calcetamento a mosaico, estamos crenates de que não só o Grupo Dramatico Patriotico mas outras commissões e individualidades, com os bons auspicios do senado, darão viabilidade a esse preito de gratidão, que está no intimo desejo de todos quantos amam a sua terra e por ella fazem todos os sacrificios possíveis.



rativa, bem typica, onde ficassem estampados e gravados os nossos costumes piscatorios que tendem a desaparecer vertiginosamente, sendo sua a ideia de revestir a frente da Camara a azulejo feito especialmente com desenhos locais; á entrada do edificio dois bustos, sendo um pescador com a cеста ao hombro e uma pescadeira com as rédes ás costas, na frente da escada monumental ver-se um sumptuoso quadro com a scena do dilúvio, e, finalmente, e ainda mais, ver o largo fronteiro calcetado a mosaico como a obra linda que a digna Junta de Parochia mandou fazer no atrio da Igreja Matriz, tendo ao centro um obelisco onde se vissem os bustos de Sacra Familia, Gomes de Amorim, Eça de Queiroz e D. Francisco do Almada.

Relativamente aos Paços do Concelho, estamos certos de que o actual illustre presidente da Camara tem o proposito firme de honrar a Póvoa de Varzim com o plano patriotico de Rocha Peixoto, de quem era verdadeiro amigo e admirador

(Inglaterra), os de Frei José de Sacra Familia, assim como lá deviam estar os do Cégo do Malo, cuja memoria se está perpetuando.

Affigura-se-nos que a illustre vreação camararia se hade associar a esta ideia e não será isso muito dispendioso.

A ideia ahi fica. Sabemos que um mausoleu para recolher as cinzas de Rocha Peixoto deve ser grandioso como o poderoso e descompassado talento do saudoso e querido morto;—ora, como pouco mais, as glorias da Póvoa podiam ficar reunidas e meliormamente perpetuadas os seus nomes.

Lisboa tem na execução o projecto d'um grandioso mausoleu para os artistas dramaticos;—e porque razão a Póvoa não hade ter um mausoleu para as suas glorias?

A grande commissão das homenagens a prestar á memoria saudosa de Rocha Peixoto, bem como ao illustre senado, respeitosamente apresentamos este alvitre.

CERTIDÃO

Certifico que no livro respectivo a f.º 55 existe o assento seguinte: N.º 161 Antonio—As vinta e um dias do mez de maio do anno de mil oito centos sessenta e seis, pelas tres horas da tarde na Igreja Parochial de Nossa Senhora da Conceição da Póvoa de Varzim, o Conselho do mesmo districto e eclesiastico da Villa do Conde, diocese de Braga, eu o Presbytero Manoel José Rodrigues, coadjutor d'esta freguezia, baptisei solemnemente e puz os Santos Oleos a um individuo do sexo masculino a quem dei o nome de Antonio que nasceu ás onze horas da manhã do dia dezotto do dito mez e anno, filho legitimo de Antonio Luis da Rocha Peixoto, facultativo, e Dona Constança Amelia da Costa Pereira Flores, elle natural da villa dos Arcos de Val de Voz e ella natural da Villa do Conde, moradores na rua da Silveira d'esta villa, neto paterno de José Bonto da Rocha Peixoto e Josefa Maria Narcisca de Queiroz de Villa dos Arcos e materno de José Pedro de Carvalho e Dona Maria Camêlida da Costa Pereira Flores, de Villa do Conde. Padrinho Santo Antonio tocou com a sua corôz, Antonio Joaquim Gonçalves, Presbytero, morador na rua do Cidral e Dona Joanna Isabel Maria Carneiro Pizarro, viuva, moradora na rua de largo do São Roque d'esta villa, os quaes sei serem os proprios. E para constar lavrei em duplicado este assento, que depois de ser lido e conferrido perante os padrinhos commigo assignavam. Era ut supra. A certidão recôz dis: a quem dei o nome de Antonio. O locante, o P.º Antonio Joaquim Gonçalves. Madrinha Joanna Isabel Maria Carneiro Pizarro. O Presbytero Manoel José Rodrigues. Está conforme.

Póvoa de Varzim, 7 de março de 1909 e novo.

Prior Manoel Martins Gonçalves da Silva

O QUE DIZ A IMPRENSA

Do «Diario da Tarde», do Porto, de terça-feira 4 de Maio:

Realisou-se hontem ao cair da noite, o funeral do illustre e saudoso publicista Rocha Peixoto, cuja morte constitue uma perda irreparavel para a sciencia portugueza. De Matosinhos, onde residia, foi o pobre morto trasladado em coche funerario para o cemiterio d'Agramonte, acompanhando-o até esta cidade, em trens fechados, muitos dos seus dedicados amigos. Centenas d'outros amigos e admiradores, calados e tristes, opprimidos pela esmagadora brutalidade da morte que assim colhera uma vida em pleno vigor e um talento em plena fecundidade, esperavam o cadaver á porta do cemiterio. Ali estavam representantes de todas as classes sociais, alli estava tudo quanto no Porto teve conhecimento do doloroso acontecimento, porque tudo quanto no Porto sabia ler, de ha muito aprendera a amar e a respeitar o nome de Rocha Peixoto, cujo superior talento e cuja assombrosa actividade tiram sempre postos ao serviço desinteressado da sciencia e da patria.

Da «Palavra», de 4 de Março:

«Hontem de manhã correu da cidade que tinha fallecido em Mattosinhos o distincto homem de sciencia, bibliophilo acurado, archeologo e especialmente ethnographo amero, o sr. Antonio Augusto da Rocha Peixoto, director da Bibliotheca e Museu Municipal do Porto.

Esta noticia consternou todos os seus amigos e admiradores. Como é cruel a morte!

Quando elle estava no seu melhor periodo de trabalho, cahe, vencido pela doença, por uma granulita, talvez devido ao seu excessivo de trabalho que todo era nacional e devotadamente patriótico.

Morre; mas deixa na historia da nossa patria um nome honrado, como trabalhador, homem de bem e de eximias qualidades de coração e de caracter.

As sciencias historicas, especialmente ethnographia devem-lhe muito; e o seu nome hade ser citado como um dos seus mais incultos ornamentos.

Se outro monumento não deixasse da sua memoria, bastaria a *Portugalia* onde lavorou a figura do seu espirito em caracteres de bronze, inolvidaveis, num trabalho colossal de inquerito e documentação da vida nacional, desde os seus primordios e em todos os seus caracteres.

Simplez, bom, sem pretenções, era um dos nossos primeiros homens de sciencia, um dos intellectuaes mais privilegiados da raça portugueza.

Soffreu muito na vida. Luctou como poucos e venceu.

Mas venceu á custa de sacrificios que talvez lhe acarretassem tão cedo o sacrificio final da morte.

A noticia do seu fallecimento constringeu-nos, abateu-nos o espirito, cahiu na nossa alma como um pezaello horrivel.

Pobre moço, pobre trabalhador, pobre amigo!

A sua desolada familia os nossos pezames mais sentidos e mais sinceros.

Do «Correio do Ave», de Villa do Conde, de 5 de Maio:

«Imprevistamente os jornaes do Porto trazem-nos a noticia de ter fallecido o notavel homem de sciencia, sr. A. A. da Rocha Peixoto.

A visinha Póvoa de Varzim perde no extincto um dos seus filhos mais illustres, pois que entre os sciencistas portuguezes elle era um dos que mais se distinguia não só pela sua preserança de trabalhador a quem uma ancia continua de saber consumia, mas pelo seu espirito assimilador e superiores qualidades de erudito consciencioso e profundo.

A morte não o deixou realizar, como era o sonho predilecto, uma obra perduravel que attestasse aos vindouros os fulgores da civilisação social portugueza, para a qual, e cada vez com mais ardor, trabalhava ha muito, carreando os subsidios, que jazem dispersos pelas varias revistas da especialidade.

R assim n'esse intuito humanitario de ser util ao seu paiz elle deixa uma obra ainda assim valiosissima pela sua sensatez e destruidora critica sobre pre-historia, archeologia, epigraphia, ethnographia, antropologia, arte, historia, geographia, tradições, costumes, emfim, de tudo que se relaciona com o exacto conhecimento da civilisação portugueza e das comunidades primitivas. Esses elementos servirão de precioso auxillar para a reconstituição da existencia social do povo portuguez, a um futuro obreiro que em monumento de valia realice esse trabalho, a que depois de Herclulano ainda ninguém teve a coragem de pôr mãos, travando os fios d'essa obra que existe dispersa e retalhada.

Rocha Peixoto deixa uma grande parte dos seus labores sciencistas ahí repellidos: na magnifica revista *Portugalia*, de que era redactor em chefe, e onde se pôde avaliar da craveira do honestissimo homem de letras, que além de sabedor consciencioso, era um caracter diamantino servido por uma intelligencia perspicaz e uma vontade de ferro.

As nossas condolencias ás suas irmas extremas que hoje deploram a sua perda irreparavel; e aos seus amigos a expressão do nosso pezame.

Do «Diario da Tarde», de 7 de Maio,

O sr. dr. Corrêa Pacheco, vereador do pelouro das bibliothecas municipaes, consegrou na sessão d'hontem estas palavras á memoria illustre do Rocha Peixoto, director da Bibliotheca e Museu do Porto:

Com muito pesar communico á camara que falleceu, no dia 2, o illustre director da Real Bibliotheca Publica Municipal e do Museu Municipal do Porto sr. Antonio Augusto da Rocha Peixoto, cuja perda muito deploro. O sr. Rocha Peixoto era um homem de grande amor pelo trabalho d'uma illustração não vulgar e d'um entranhado amor pelas instituições municipaes que dirigia.

Além de empregado da camara, com a categoria de primeiro official da 1.ª repartição, era naturalista da Academia Politecnica e professor de sciencias naturaes na Escola Industrial Infante D. Henrique.

A sua illustração revelou-a na competencia para elevados cargos e nas suas publicações sciencistas, entre as quaes sobressaem «A terra Portugueza» e a notavel revista «Portugalia», de que era redactor principal. Se apenas devo considerá-lo como funcionario municipal, não posso deixar de notar que dá sempre satisfação ver que um empregado, fóra dos seus deveres officiaes, se distingue pelo seu procedimento honrado ou por seus meritos litterarios e sciencistas.

O seu amor pela bibliotheca e museu era bem notorio e dava-lhe notavel importancia entre os funcionarios municipaes.

A quem se deve a nova orientação da bibliotheca, que a enriqueceu de obras primas litterarias e sciencistas modernas, de onde resulta o augmento de concorrência de leitores, de modo que o primeiro, saião está sendo insufficiente, tornando-se e necessario pôr-lhe novas mezas ou estender a leitura ao segundo saião? — a Rocha Peixoto.

A quem se deve a criação do museu de archeologia no atrio do edificio da bibliotheca, archeologia e epigraphia porque Rocha Peixoto era tão dedicado, que apenas podia, principalmente em férias percorria o norte do paiz em buscas, excavações e aquisições archeologicas para melhor lustre do nosso museu municipal? — a elle.

A quem se deve a secção ethnologica do museu, ou a aquisição do mobiliario antigo das nossas provincias, de instrumentos de trabalho de cada terra, reduzidos a um terço, ou menos e de tudo o que representa os costumes de caracter accentuadamente nacional? — a elle.

Sempre que, em qualquer parte, apparecesse á venda qualquer raridade estimavel, Rocha Peixoto tinha quem o avisasse, e elle ahí estava em campo, contractando, regateando, porque as verbas exigidas do organo não o deixavam ir longe; e depois ganhava-se, cheio de alegria pela boa accizão, ou queixava-se dos agentes dos museus de Lisboa melhor dotados, que ás vezes conseguíam, á força do dinheiro, vencer o vendedor.

deante de cada um em particular, para que comprassemos o museu Cabral, da rua das Flores, tão cheio de preciosidades!

O avultado da verba poz-nos a todos em difficuldades, mas a sua força de vontade venceu-nos, e a compra fez-se.

Que luctas não sustentou elle com o sr. Cabral, para obter o que pretendia para o museu municipal, por um preço modico, interessado-se na boa compra como se adquirisse para si? E conseguiu o. N'esse serviço e n'outros do museu, o coadjuvo notavelmente o sr. Joaquim de Vasconcellos, segundo Rocha Peixoto, por vezes, me confesso, São da sua iniciativa varias obras e melhoramentos na bibliotheca e museu; elle promoveu a criação do 4.º saião e seu mobiliario ou revestimento de estantes; a reforma de estantes dos corredores e da sala destinada a arquivo de jornaes; o vestiario, para a commodidade de leitores e visitantes; uma estufa de desinfecção dos livros; catalogo impresso de livros dos ultimos 13 annos; o resumo impresso dos manuscritos relativos á Junta do Porto, de 1846, que foram de Rodrigues de Freitas, offerecidos á bibliotheca com a condição d'essa impressão — resumo feito pelo sr. João Grave; o inventario geral da bibliotheca que elle começou, por ser preciso começar-se um dia, mas confessando que levaria longos annos a concluir-se.

Elle promoveu, perante os verca-

tinguivel na memoria de todos nós, como um dedicado funcionario, como um estudioso homem de sciencia, e como um patriota que enriqueceu o seu paiz com valiosas publicações sciencistas.

É um homem que nos faz falta.»

Do «Jornal», de 4 de Maio:

Veio hontem ferir-nos subitamente a noticia da morte de Rocha Peixoto illustre homem da sciencia e director da Bibliotheca Publica do Porto.

Sabiamos que elle se encontrava doente ha algum tempo; mas ainda ultimamente, alguém nos dissera que, nos ultimos dias, elle experimentara algumas melhoras, e o seu estado não era desesperado.

Essas melhoras eram porém desagradavelmente, um prenuncio de morte.

O admiravel trabalhador desapareceu aos quarenta e tres annos de idade quando o seu talento mais e melhor podia affirmar-se n'uma obra perduravel que elle sonhou e que, infelizmente não pôde realizar.

Estudioso, activo, e emprehendedor dispondo de uma palavra facil e de uma sagacidade poderosa, com uma larga preparação sciencista e um talento de rara valia, Rocha Peixoto teve, desde muito novo, de se lançar n'uma lucta fatigante para fazer face a pesados encargos da familia.

Era então um rapaz que começava, em cenaculos litterarios do tempo e em revistas e publicações avulsas, a manifestar o seu extraordinario valor.

O professorado seduziu-o, e elle consagrou-se-lhe com uma actividade e um zelo nunca desmentidos.

A sua febre de saber, uma ancia continua de ser util ao seu paiz e á sciencia a que votava um culto ardente e o varram-no a entregar-se a estudos profundos sobre a pre-historia, a ethnographia, a epigraphia a antropologia, a archeologia, a historia da arte, as origens do homem, das tradições, dos costumes, de tudo o que possesse relacionar-se com o conhecimento perfeito das civilisações.

A sua obra dispersa é altamente valiosa.

A *Portugalia*, a magnifica revista que elle fundou com Hicardo Sevaro e Fonseca Cardoso, e de que era redactor em chefe, recolhe uma série de monographias de um valor incomparavel.

N'ellas se encontra feita, em paginas perduraveis e de rara elevação critica e litteraria, a historia das nossas industrias locais, das rendas, das filigranas, das olarias, dos azulejos, das ceramicas; das comunidades primitivas, e ahí encontrará o historiador elementos de estudo, para reconstruir a vida do povo portuguez nas idades remotas da sua existencia social.

A sua absorvente preocupação era deixar uma obra larga que fosse um verdadeiro monumento; e n'esse sonho febril, em busca de materias para a realizar, consumiu uma existencia de atormentado trabalho.

Encheu verdadeiramente os seus dias, não concedendo um só momento de ociosidade ou de esforços inuteis.

Viveu para a familia, que amava estremeadamente e para a sciencia que serviu, quasi até aos ultimos dias da sua existencia.

Era um caracter integro, servido por uma vontade tenaz e por uma intelligencia de rara lucidez.

Quando as suas occupações officiaes lhe consentiam algum descanso realisava ainda excursions de estudo pelo paiz, recolhendo elementos para a sua obra ou procurando materias para o Museu Municipal do Porto, a que prestou servicos relevantissimos.

A sua morte, para muitos perfeitamente inesperada, vai, sem duvida causar uma impressão profundissima de dor em quantos o conheciam.

Que o illustre homem da sciencia descanse para sempre em paz, e que a sua familia accite, n'esta hora do suprema angustia, a expressão comovida do nosso pesar.

Rocha Peixoto, que succumbiu por fim a uma tuberculosa, nasceu na Póvoa do Varzim a 18 de maio de 1866 e era filho do medico dr. Antonio Luiz da Rocha Peixoto e de D. Constança Amelia Pereira da Costa Flores.

Frequentou a Academia Politecnica onde actualmente era o naturalista encarregado do gabinete de mineralogia.

Foi secretario da «Revista da Portugalia», dirigida por eça de Queiroz, na sua segunda fase, e foi um dos fundadores da «Revista de Sciencias Naturaes» e da «Portugalia», de que era redactor em chefe e em que deixa a parte mais valiosa da sua obra.

Pertenceu á Sociedade Carlos Ribeiro e escreveu em varios jornaes portuguezes.

A sua bibliographia é extensa. D'ella destacamos os seguintes volumes:

- «Productos agricolas das colónias portuguezas», (chronicas sciencistas);
- «A terra portugueza»;
- «Notas sobre a malacologia popular; «A tatuagem em Portugal»; «Os palheiros do littoral»; «As olarias do prado», «A Pedra dos Namorados»; «A casa Portugueza»; «Tobuias votivas»; «O communição em Portugal» (traduzido em francez); «As filigranas»; etc.

Rocha Peixoto era, actualmente director da Bibliotheca e do Museu municipaes, naturalista da Academia Politecnica e professor da Escola Industrial Infante D. Henrique. Era tambem socio da Academia Real das Sciencias, da Academia das Sciencias de Portugal e do Instituto de Coimbra.

Na capella de Agramonte celebraram-se hontem á noite os responsos de sepultura perante numerosa e distincta assistencia, vindo-se representados os corpos docentes de todos os estabelecimentos de ensino n'esta cidade. Muitas pessoas deixaram de ir prestar a sua homenagem ao extincto, umas porque não tiveram conhecimento do tempo onde se realisavam os funeraes, outras porque se dirigiram a Mattosinhos julgando que era ali na egreja parochial onde os responsos tinham lugar.

Os offiços de sepultura foram realizados pelo capellão de confraria do Bom Jesus de Mattosinhos, acolitado por varios ecclesiasticos.

A chave do caixão foi entregue ao amigo do finado, sr. conselheiro José Tomaz Ribeiro Fortes Junior.

Sobre o ataudal foram collocadas varias cordas e bouquets de passosas da familia e intimas do saudoso extincto.

O feretro ficou depositado no necrotorio de Agramonte onde será encerrado em caixão de chumbo, sendo trasladado para a Póvoa de Varzim, visto a camara municipal ter pedido que o finado ali tenha sepultura.

Em signal de sentimento a bandeira da Academia Politecnica esteve todo o dia a meia haste.

Na escola Industrial Infante D. Henrique, onde Rocha Peixoto era professor de sciencias naturaes, estiveram as portas cerradas e houve feriado em todas as aulas. É curioso registrar que foi o illustre extincto o primeiro professor fallecido d'aquelle estabelecimento de ensino.

O sr. Rocha Peixoto possuía a commenda e habito de S. Thibago, de cujas insignias nunca fizera uso, e era socio da Academia Real das Sciencias, cujas insignias elle muito prezava.

O extincto era uma gloria da litteratura e das sciencias portuguezas e a sua modestia era tanta quanto era immenso o seu profundo saber.

REUNIÃO-CONVITE

Houve hontem uma reunião de todas as associações locais e imprensa, a convite do ex.^{mo} sr. presidente da Camara, para se tomarem resoluções ácerca da grandiosa manifestação funebre que se deseja fazer aos restos mortaes do nosso saudoso e sabio conterraneo Rocha Peixoto.

Assentou-se em que a chegada do feretro seja pelo comboio das 2 horas datarde, devendo as collectividades estar á 1 1/2 hora precisa na gare de caminho de ferro afim de não haver a menor falta. O cortejo funebre segue logo para o cemiterio onde os estudantes deve ladear a tribuna destinada aos convidados, e, findos que sejam os discursos, passar em continencia deante dos despojos d'esse grande vulto da sciencia.

As associações, a imprensa, o snr. presidente da camara e o snr. administrador do concelho convidam todo o collectivismo e toda a população a comparecer, na sua maxima disponibilidade, para ser tocante, imponente e grandiosa a manifestação funebre que vamos tributar em derradeira e piedosa romagem a essa grande gloria da Povoia de Varzim que em vida se chamou Rocha Peixoto.

MELHORAMENTOS LOCAES

Progreŝso material

VI ADHESÕES

Nem todas as corporações vivem da inercia e da ociosidade; algumas, e d'uma forma verdadeiramente edificante, tomam um lugar de destaque em defeza dos seus mais sagrados interesses, na convicção firmissima de que, eleitos para gerirem por um triennio, as municipalidades, estão nas cadeiras senatorias para, dia e noite, traduzir a vontade dos povos a quem os governos só conhecem para exigir contribuições e parlamentos, sem um vislumbre de gratidão, dando-lhe, pelo menos, escolas, estradas e meios de transporte facil, barato e economico.

Gratissimo nos foi receber, do illustre senado espozendense, a copia da acta d'uma sessão em que tratado foi o assumpto da nova viação que se pretende estabelecer atravez de Villa do Conde, Póvoa de Varzim, Espozende e Barcellos, cujo projecto-iniciativa pertence ao nosso querido amigo e conspicuo jornalista sr. Emygdio d'Oliveira, que encontrou na Propaganda uma vedeta que está vigilante e activa dizendo do movimento que, de longe ou de perto, vae tomando esta magna questão.

Para que os nossos leitores vejam o interesse que a illustre Camara Municipal de Espozende ligo a este assumpto, que contrasta com a illustre Camara Municipal da Póvoa de Varzim, que recebeu a nossa carta-circular e votou o mais completo desprezo ao momentaneo e importante movimento sobre a viação accelerada atravez d'este concelho, damos, a seguir, publicidade aos documentos que se vão lêr:

Camara Municipal d'Espozende

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Tenho a honra de enviar a V. a adjunta copia da acta da sessão ordinaria de 17 do corrente mez, na parte respeitante á carta-officio que se dignou dirigir á esta Camara.

Deus Guarde a V.

Espozende, 27 de Abril de 1909.
Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Candido Landolt, muito digno Director da «Propaganda». Povoia de Varzim.
O presidente,

João Gonçalves Pereira de Barros

COPIA da acta da sessão ordinaria de dezasseis de Abril de mil novecentos e nove, e em que foi lida a carta-officio enviada á Camara Municipal do concelho de Espozende pelo ex.^{mo} senhor Candido Augusto Landolt, director da jornal «A Propaganda», da Povoia de Varzim.—Em seguida uza da palavra o excellentissimo senhor presidente e diz que: esta Camara deve adherir, em absoluto, á proposta do excellentissimo senhor Candido Landolt, não só porque ella representa um melhoramento para toda a região atravessada, mas tambem, e principalmente porque considera esse melhoramento como base essencial do progresso d'Espozende. Ligada esta terra a Barcellos, Póvoa, Villa do Conde e Espozende, pôde ainda um dia progredir, desenvolver-se, ser grande; mas sem esse melhoramento, nunca isso será possível. Espozende é uma das unicas villas do litoral do reino, dos poucos portos de mar, que não está ligado á rede ferro-viaria; d'ahi o seu pessimo estado economico e financeiro: d'ahi a sua ruina. Por isso, é summamente grato para nós, espozendeneses, seguir passo a passo a luta encetada por Emygdio d'Oliveira e secundada por Candido Landolt, para conseguir tão relevante melhoramento para esta terra. E assim, rendendo o tributo do nosso mais profundo respeito a esses dois homens que trabalham denodadamente a favor da nossa causa, proponho que a Camara Municipal de Espozende adherindo em absoluto á proposta de Candido Landolt, envide todos os esforços ao seu alcance para que seja coroada do melhor exito a ideia defendida tão brilhantemente por esses dois insignes jornalistas. A proposta de sua excellencia foi approvada por unanimidade, sendo resolvido communicar-l'o telegraphicamente ao illustre director da Propaganda.

Falla depois, o excellentissimo Administrador do concelho, e diz: «quando a imprensa da Póvoa, Villa do Conde e Espozende tratou patrioticamente de encarecer as vantagens que podem advir ao commercio, industria e agricultura com a creação d'uma linha ferrea a partir de Vairão, atravessando Villa do Conde, Povoia e Espozende, com o seu ponto «terminus» em Barcellos, nós, espozendeneses, não podemos ficar indifferentes a tão importantissimo melhoramento. Ora, o nosso concelho, tem tudo a lucrar com a realisação d'essa obra que hade necessariamente desenvolver o nosso commercio pela approximação rapida e commoda dos mercados de Barcellos, Póvoa e Villa do Conde. A via ferrea corta as freguezias mais importantes dos trez concelhos que atravessa, levando as suas mercadorias por preços razoaveis ao fim a que são destinadas. Só as populações d'estes concelhos teem tudo a lucrar com esse progresso, a empreza não terá menos. Os nossos fornos de cal que exportam aquelle artigo para diversas localidades, são um grande factor d'interesse para essa empreza. O vastissimo pinhal d'esse ao outro extremo do nosso concelho, d'onde sahem diariamente

dezenas de carros de toros para a fabrica de Barcellos e estação de Laundos, contribuirá poderosamente para a sua prosperidade. O granito do nosso monte do Faro, que não tem rival na provincia, é conduzido, diariamente, em dezenas de carros para a Póvoa e Barcellos e d'aqui tem embarcado para Espinho e Aveiro em consideravel quantidade. Além d'isso, as ferteis freguezias das marinhas, Apulia, S. Bartholomeu do Mar, Belinho e Antas, exportam semanalmente, para os mercados de Barcellos, Povoia e Villa do Conde, centenares de carros de legumes e cereaes que tambem allvão abastecer as cidades do Porto, Braga e Guimarães. A via maritima desaparecerá com esse melhoramento porque a importação de pedra de cal, de sal e outros artigos, passará a ser feita pela via terrestre. Todas as quintas-feiras uma grande massa da população que vae ao mercado de Barcellos a pé e de carros, aproveitará o caminho de ferro por causa da sua rapidez e commodidade. Na estação balnear, os banhistas que frequentam as praias d'Apulia, Fão e S. Bartholomeu do Mar, darão um grande contingente para essa viação accelerada. Nós, que amamos o progresso da nossa terra, não podemos deixar de applaudir os iniciadores d'essa cruzada civilisadora, que tende a desenvolver o commercio, a industria e a agricultura de tão importantes concelhos. Bem haja esta edicidade na sua adhesão ao progresso do nosso concelho. Temos a certeza que os capitalistas d'Espozende, não deixarão tambem de concorrer com os seus capitães para tão util empreendimento. Ao brilhante jornalista e eminente escriptor Emygdio d'Oliveira, pela sua patriótica iniciativa, apresentamos os espozendenses os protestos da sua altissima gratidão e do mais vivo reconhecimento.»

Está conforme.

Espozende e secretaria da Camara Municipal, 27 de Abril de 1909.

O secretario,

José Augusto d'Almeida Abreu

Enxofre

—E' actualmente a epocha da applicação d'este artigo do combate das doengas da vinha. E' pois occasião de dizer alguma cousa sobre o que se deve observar na compra e applicação d'este artigo.

O comprador portuguez costuma examinar o enxofre com os dedos, a vér se pela pressão range. Não é este um meio seguro, porque ha enxofre de qualidade satisfatoria, que não range; e ha outras drogas, mais baratas que o enxofre, que rangem e que o falsificador poderia misturar no enxofre para conseguir os seus fins.

A unica forma de conhecer o enxofre é a analyse.

E' preciso que esta dê 99 % de pureza. O enxofre que dê menos de 99 % não é proveniente de pedra cuidadosamente escothida.

Enxofre que tem 95 ou 90 % de pureza não devia ninguém aceitar.

Muitos são os villicultores que tratam de poupar a 2.^a ou a 3.^a applicação de enxofre, não se lembram que em cada mil reis que d'esta forma pouparam, perdem dois ou trez mil reis correspondentes ás despesas da primeira enxofração, poda, empa, adubação, cava, etc.

Uma forma de poupar enxofre é de substituir osapparehos antigos de enxofrar pelas torpilhas modernas.

Os apparehos antigos espalham o enxofre por forma muito desigual deixando cair demasiado n'um sito e quantidade insufficiente n'outro.

Esclarecimentos mais amplos dão-os O. Herold & C.^{as}—14, Rua da Prata, Lisboa, ou 25, Rua da Nova Afandega, Porto.

Expediente

Por absoluta falta de espaço não nos é possível dar publicidade ao grande noticiario que estava composto.

CAÇA AO ERRO

O Livre-pensamento

E' bem certo, como diz A. Canet, n'«O Livre Pensamento», edição da Livraria Povoense, que, em todos os tempos os sophistas léam recorrido ao temivel poder das palavras, empregando, muitas vezes, as palavras mais augustas para mascarar as suas mais viz.

Do termo *liberdade*, tão augusto e tão santo, quando bem comprehendido e executado, abusa-se até ao seu extremo opposto a *licença*. Espolia-se o proximo, invocando a liberdade.

Em nome da liberdade persegue-se os que não pensam como os *liberaes*. Quem são, hoje, os mais perseguidos, espoliados e vilipendiados?

São os que acreditam livremente na doutrina d'Aquelle, que veio trazer ao mundo a verdadeira *liberdade*: d'Aquelle que ensinou o amor mutuo —amai-vos uns aos outros; d'Aquelle que quebrou as gargalheiras da escravidão, ensinando a verdadeira *igualdade*; d'Aquelle que se chamou nosso irmão e nos chamou a todos irmãos uns dos outros, preclutandou a verdadeira *fraternidade*.

A doutrina de Jesus destruiu os erros do paganismo e aniquillou a escravidão.

Os sophistas, com as suas novas theorias fingidas de Jesus e da sua doutrina, dos seus dogmas e da sua moral, pretende fazer recuar a humanidade até aos horrores da barbarie.

Jesus levantou a mulher do estado vil de escrava á dignidade sublime de esposa, companheira e igual ao homem.

Os sophistas, com as suas novas theorias do *amor-libre* pretendem quebrar-lhe a sua coroa de rainha do lar, e reduzi-la, outra vez, á sua primeira condição de escrava e juguete de baixas prazeres.

O amor-libre!

Aqui temos nós mais duas palavras augustas a servir de mascaras ás cousas mais viz; porque não se quer significar com ella um amor esclarecido, verdadeiro e leal; senão um amor que não é amor, mas indifferença, hypocrisia; e uma liberdade que não é liberdade, mas licença e desvergonha.

Não é amor que se prende ao objecto amado e lhe dedica todas as ternuras de que é capaz; senão amor que anda em liberdade, á relexa solta; que se reparte e divide, como a borboleta doivivana divide os beijos do seu amor pelos rosas floridos.

Pobre mulher do *amor-libre*! onde iras tu parar senão até onde pararem a belleza e frescura do teu rosto,—rosas que se desfolham logo aos primeiros ventos do infortunio,—ou, mais tarde, mais fatalmente, ao sópro gelado dos janeiros?...!

Filho do *livre-pensamento*, o amor livre é como o pae, uma negação.

E' a negação de todo o sentimento do pudór, e honestidade; é a negação de todos os deveres moraes.

Estas aspirações do *feminismo* escotho, com outras quejandas *feminidads* qualificam um systema, mas não são capazes de envergonhar os seus corruptebs; porque... é d'elles todo o mundo.

O divorcio, por edá cá aquella palha, descendente da mesma origem, mas quã menos desavergonhado do que o *amor-libre*, tem mostrado bem o valor da arvore, que produz semelhantes fructos.

Mas que é, afinal, o livre pensamento?

O auctor citado, A. Canet, declara que não conhece nada de menos claramente deliuido que a palavra *livre-pensamento*.

O catholico que se submete docilmente á auctoridade da sua Igreja; o christão que se conserva fiel ás palavras do Evangelho; o doista que acredita em Deus e na sua Providencia, na lei moral é na sua eterna sanção; o materialista, o fatalista e o atheu que não veem, no mundo e na humanidade, senão a materia e as suas leis, todos pretendem, mais ou menos exclusivamente, o privilegio do pensamento e da liberdade.»

.....
O que é, pois, *pensar*, no sentido rigorosamente philosophico?

«O verdadeiro pensador, escreve Renan, em materia de crengas philosophicas e religiosas, só admite as verdades cuja natureza comprehende. —*La liberte de penser*, pag. 172.

Santo Agostinho e S. Thomaz, Descartes e Pascal, Bussat e Feugnot não podem, por consequente, a despeito do seu incalculavel genio, ser collocados na fileira dos verdadeiros pensadores, visto que sempre se mostraram filhos não doceis da Igreja como profundos philosophos.

«E, se sahirnos do catholicismo, Kepler e Newton, Leibnitz e Euler, tambem não pertencem á nobre raça dos pensadores, porque acreditaram sempre firmemente nos dogmas e nos factos sobrenaturaes do Evangelho.»

Não posso, bem á meu pesar, trasladar para aqui, toda a argumentação de A. Canet, d'um verdadeiro rigor logico, em que demonstra, á evidencia, em face de todas as escolas philosophicas, cuja doutrina estua e expõe, com sinceridade, que *pensar* é afirmar, e que o *livre pensamento* sómente nega e portanto não pensa. «O homem que afirma pôle, seu duvida, enganar-se; mas, pelo menos, o seu espirito percebe alguma cousa; pô se enganar sobre a natureza intima da cousa percebida.

O que nega, não percebe nada.»

«Importa, todavia, observar, diz o mesmo auctor, que nós só fallamos aqui da negação que tem um verdadeiro caracter negativo.

Negar, por exemplo, as theorias materialistas e atheistas, é, no fundo, afirmar Deus e a alma; a negação está apenas na forma.

Pelo contrario, o materialismo o atheismo são puras negações, porque só podem traduzir-se n'esta formula manifestamente negativa: não ha Deus no mundo nem alma no homem.»

(Continua).

VENATOR.

AZEITE

DA

VILLARIÇA

Acaba de abrir um estabelecimento, ao meio da rua da Junqueira, proximo da Pharmacia do sr. Lemos, no predio n.º 157, onde se vende o puro e saboroso azeite da Villariça, em grandes quantidades e a retalho de litro e suas fracções.

Garante-se a pureza d'esta rica substancia alimenticia e boa seriedade nas transacções.

O publico deve ir a esta casa ver e examinar o azeite d'esta procedencia porque temos a certeza de que hade ficar satisfeito quanto ao genero e preço convidativo.

Recommendamos, instantemente o nosso

AZEITE DA VILLARIÇA

Rua da Junqueira, 157

